

## anarquismo na vida e na obra de eugene o'neill

pietro ferrua\*

Um estudo sistemático das atividades anarquistas do grande dramaturgo, que eu saiba<sup>1</sup>, ainda não foi empreendido, porém há muitos ensaios sobre ele e os dados colhidos permitem estabelecer uma trajetória, senão completa, pelo menos suficiente.

A mais pormenorizada das biografias interessantes para o nosso assunto é sem dúvida a do casal Gelb<sup>2</sup>, que chega quase a mil páginas, mais duas obras de Sheaffer<sup>3</sup>, também oferecem uma grande quantidade de informação. Descobre-se assim que um dos primeiros contatos que O'Neill teve com anarquistas data de 1907, quando conheceu Benjamin Tucker e começou a freqüentar a sua livraria, em Nova Iorque, a *The Unique Bookshop* situada na Sexta Avenida. Eugene não tinha ainda vinte anos, enquanto o pensador e escritor anarquista alcançara já os cinquenta, com mais de trinta anos de experiências como

\*Professor emérito do Lewis Clark College, Portland, fundador do CIRA (Centre International de Recherche sur l'Anarchisme), viveu no Brasil entre 1963 e 1969.

propagandista, redator de periódicos, autor de ensaios. Foi através de Tucker que O'Neill travou conhecimento com a obra de Bakunin e Kropotkin, Proudhon e Tolstoi, Stirner e Nietzsche. Definiu-se, então, “anarquista filosófico”, uma etiqueta pouco usada em outros países, mas que se tornou comum nos Estados Unidos e que equivale ainda hoje — a “anarquista não-violento”. Distinção necessária, pois a opinião pública tende a misturar anarquismo e terrorismo. Cabe reconhecer que naquela época era comum a associação com Leon Czolgosz (que tinha matado um Presidente) e Alexandre Berkman (que atirara contra um capitalista inflexível e cruel contra operários grevistas). Quem apresentou O'Neill ao Tucker foi Paul Holliday, outro anarquista, irmão de Polly Holliday, gerente de um café boêmio no Greenwich Village, companheira de vida de outro militante ativo muito conhecido, Hippolyte Havel. O Paul foi um grande amigo de O'Neill até sua trágica morte poucos anos depois. Outro grande amigo anarquista (e futuro personagem de sua obra) foi Terry Carlin (verdadeiro nome Terence O'Carolan) que tinha a qualidade adicional de ser de origem irlandesa, como O'Neill. Companheiro de bebedeira, o escritor nunca o renegou quando ficou famoso, e passou a mandar-lhe cheques mensais para que nunca lhe faltasse a bebida. Os Gelb escrevem: “o Carlin teve uma influência maior na filosofia de O'Neill do que qualquer outra pessoa”.<sup>4</sup> Não devemos estranhar, pois Carlin foi admirado por escritores importantes como Jack London e Theodore Dreiser. Mais uma amizade importante — e que durou até o fim da vida — foi com Saxe Commins (verdadeiro nome Isidore Cominsky), dentista que se tornou autor teatral, e sobrinho de Emma Goldman. A ele O'Neill se dirigiu para que lhe procurasse documentação sobre algumas personagens anarquistas em suas peças. Em gratidão pela hospitalidade dele recebida, e de toda a família, e por lhe ter cuidado dos dentes de graça, O'Neill forçou sua contratação à Random House, onde se tornou

seu editor pessoal. Saxe foi também quem manteve contatos indiretos entre O'Neill e as duas primeiras esposas e os filhos que com elas teve. Quando fugiu para a França, onde vivia incógnito com Carlotta, que se tornou sua terceira mulher, um dos poucos que sempre sabia onde ele se encontrava era justamente Commins. Aliás, O'Neill não era o único que o estimava, pois tornou-se também amigo de Albert Einstein, que conheceu quando ambos ensinavam em Princeton.

Hippolyte Havel, anarquista europeu que veio aos Estados Unidos junto com Emma Goldman, e que o conheceu em Londres, foi também admirado por Dreiser, inspirou John Cage e deu vida a um dos personagens da peça *The Iceman Cometh*. O'Neill conservou algumas fotografias dele, uma das quais os reúne nos ensaios de uma peça para o Provincetown Theater.

A galeria de personagens anarquistas ao redor de O'Neill é muito rica e compreende ainda outro escritor da época: Hutchins Hapgood. Autor de *An Anarchist Woman* ele tinha se aposentado no Cape Cod e colaborara estreitamente com John Reed, Louise Bryant e outros nas encenações do Provincetown Theater.

Entre as mulheres pelas quais O'Neill talvez se apaixonou, emerge a figura de Dorothy Day, que mais tarde se converteu ao catolicismo sem abandonar o anarquismo, e tornou-se co-fundadora do movimento *Catholic Worker* (uma derivação comunitária da filosofia personalista de Emmanuel Mounier), que ainda hoje existe e tantas páginas gloriosas acrescenta aos anais da luta contra a segregação racial, as guerras, o serviço militar, o pagamento dos impostos ao Estado, etc...

Christine Ell, amante passageira do O'Neill, foi outra anarquista inspirada por Emma Goldman, e também tornar-se-ia personagem teatral do autor. Não há mui-

tos vestígios de encontros entre Emma Goldman e Eugene O'Neill, mas sabe-se que ele lia *Mother Earth* (revista em que publicou um dos primeiros poemas antimilitaristas), freqüentava as palestras do Ferrer Center, e foi grande amigo de Lena Cominsky (irmã da Emma) e de Stella Ballantine (sobrinha de Emma), e de Mary Eleanor Fitzgerald (secretária do Provincetown Theater, depois de ter trabalhado na redação de *Mother Earth*). De Emma Goldman se sabe que conhecia as primeiras peças de O'Neill e fez palestras sobre elas. Apesar dos poucos contatos pessoais Emma foi uma grande fonte de inspiração, como veremos logo, em duas das peças que comentaremos.

Outro anarquista muito conhecido que ele pouco frequentou, mas cuja personalidade, pensamento e ação inspiraram o O'Neill, que, anos depois, ele o declara numa carta, é Alexandre Berkman. Em 29 de janeiro de 1927, numa carta de Hamilton Bermuda, O'Neill escreve a Berkman: "Passou muito tempo desde aquela noite em Romany Marie mas estou certo que você não se lembra de mim melhor do que eu de você. Tenho uma imagem muito clara de você na minha mente desde então. Eu já tinha uma profunda admiração por você há vários anos e aquele encontro foi um acontecimento inesperado. Quanto à minha fama...e sua infâmia, gostaria de trocar muita da minha por um pouco da sua. Não é tão difícil escrever o que se considera ser a verdade. Mas é muito difícil vivê-la."<sup>5</sup>

Essa admiração desenfreada por um homem então muito mais conhecido como homem de ação do que como teórico do anarquismo nos leva a notar que O'Neill não teve como amigos só intelectuais e artistas, anarquistas "filosóficos", mas freqüentou, também, militantes sindicais. Um destes foi James Joseph Martin (dito Slim Martin), marinheiro e operário especializado, que era

militante da IWW (Industrial Workers of the World) e a quem O'Neill pediu que o levasse a reuniões sindicalistas. O resultado foi pelo menos duas peças (*The Personal Equation* e *The Hairy Ape*) acabadas, publicadas e produzidas, e algumas outras só começadas e abandonadas por várias razões. Também tornou-se propagandista ativo quando passou anos navegando na marinha comercial.

Estar rodeado de amigos anarquistas, ter lido livros de autores anarquistas, assinar obras de conteúdo anarquista talvez não seja suficiente para traçar um retrato completo de uma pessoa. Foi o comportamento dele na vida pública e particular condizente com a ética anarquista? As lembranças dos que o conheceram durante a juventude sugerem a imagem de um bêbado inveterado. Como tal é representado pelo menos em dois filmes: *Reds*, de Warren Beatty e *Entertaining Angels*, de Michael Ray Rhodes. No primeiro ele é o amante de Louise Bryant e no segundo um amigo de Dorothy Day. Esta última, companheira de bebedeira antes de se tornar apóstola social e religiosa explica assim o vício do O'Neill: "eu tinha a impressão que ele considerava beber como um ensaio para a morte. Bebia o uísque puro, de um só gole, não para ficar bêbado mas para ver se agüentava". Muitos anarquistas do século XIX consideravam o alcoolismo como uma das piores pragas sociais, como as drogas no século XX. A doutrina, a esse respeito, não é fixa e varia de um país a outro, e de uma geração a outra. Pode-se deplorar a dependência de Eugene do álcool, mas não usá-la como um argumento contra ele (ele mesmo se deu conta que a bebida o destruía e acabou se tornando sóbrio) tomando em consideração que o pai e o irmão mais velho eram alcoólicos, enquanto a mãe tinha se tornado morfinômana, desde o seu nascimento.

Mais repreensível, talvez, tenha sido seu comportamento de marido e de pai. Casou com a primeira mu-

lher e sumiu, logo depois, deixando-a grávida. Kathleen pediu e obteve o divórcio três anos mais tarde. Foi só aos doze anos que o filho conheceu o pai. Sua atitude para com a família não melhorou com o segundo casamento (núpcias de amor com bastante anos de convivência) do qual ele fugiu de repente, sem nenhuma explicação, ignorando os filhos durante anos. Foi assim que Oona casou com Charlie Chaplin, que tinha três vezes a idade dela, mas representava, justamente, uma figura paterna que substituíra o pai que ela nunca tinha tido.

Como conclusão provisória digamos que O'Neill praticou a solidariedade do anarquismo social fora de casa, mas na família praticou mais o comportamento individualista à maneira de Nietzsche, seu autor de cabeceira. Nestas alturas cabe formular a pergunta: como é que O'Neill via a si mesmo?

Numa carta de 1939 a Bernard Cerf o dramaturgo escreve: "Diga ao Saxe que estou me reconvertendo a um anarquismo de aço". Isto foi às vésperas da Segunda Guerra Mundial, durante a qual ele compõe *The Iceman Cometh* que parecia ser um adeus ao anarquismo, e que não foi o caso, como veremos. Disse, também: "Antigamente fui um ativo socialista, e posteriormente um anarquista filosófico".<sup>6</sup> Na última conferência de imprensa que deu, em 1946 (isto é no fim de sua carreira quando já era famoso no mundo inteiro devido às suas peças e ao Prêmio Nobel), poucos anos antes de morrer, declara "sempre ter sido um anarquista filosófico".<sup>7</sup> A obra confirmará tudo isso.

### **O anarquismo na obra do autor**

Traços do pensamento e da conduta anarquistas se encontram em vários personagens de muitas peças de

O'Neill. Em algumas os anarquistas são personagens centrais (que às vezes se identificam com o autor e outras são baseadas em pessoas existentes) ou assunto da obra. É de estranhar — como aconteceu com a sua vida — que o seu teatro de cunho anarquista não tenha interessado aos historiadores do anarquismo americano. Quem mais o cita — como era de se esperar — é Paul Avrich que, pelo menos em duas de suas obras<sup>8</sup>, o apresenta como freqüentador do Centro Ferrer de Nova Iorque, colaborador ocasional de *Mother Earth*, amigo de vários companheiros, confirmando o que foi dito pelos Gelb e Sheaffer, e acrescentando alguns pormenores. É bem provável que o Avrich volte a falar do assunto no próximo livro dele, dedicado a Alexandre Berkman, que foi um dos “ídolos” e também o tradutor russo de O'Neill.

Na maior parte das peças O'Neill se fantasia de personagem expressando idéias anti-militaristas, anti-capitalistas, pró-sindicalistas ou abertamente anarquistas. Junto a ele uma galeria numerosa de companheiros conhecidos, admirados de longe ou de convivência direta.

Limitar-me-ei a examinar quatro das peças de maior importância para as idéias anarquistas.

A primeira com forte conteúdo anarquista é *The Personal Equation*<sup>9</sup>, de 1915, contendo, como sempre, no teatro de O'Neill, elementos autobiográficos combinados a elementos imaginários.

Entre os primeiros está Tom, que pode ser o autor como fôra na realidade (devemos lembrar que ele navegou profissionalmente e ocupou empregos humildes nas estivas), ou como ele teria desejado ser. Na peça há também conflitos entre pai e filho bastante parecidos com os que ele vivia com o próprio genitor, conhecido autor teatral. A crítica discorda se o Hartman da peça corres-

ponde a Sadakichi Hartman (que realmente existiu) ou se é um pseudônimo para Hippolyte Havel, o anarquista tcheco que aparecerá como Hugo Kalman, na peça posterior, *The Iceman Cometh*. Olga Tarnoff, o papel feminino mais importante, foi inspirado em Emma Goldman.<sup>10</sup> Esta peça é inteiramente dedicada ao anarquismo e contém toda a problemática contemporânea: os desencontros entre as várias facções da esquerda (os socialistas confiando no processo eleitoral e os anarquistas na ação direta), a denúncia da exploração capitalista, o direito de greve, a oposição dos revolucionários à Primeira Guerra Mundial que já tinha estourado na Europa e na qual a América está a ponto de participar, a dramática alternativa entre meios violentos e não-violentos de libertação social, a união livre ou o casamento, e assim por diante. Apesar disso não se trata de teatro de pura propaganda, mas de uma peça em quatro atos em que são criadas situações dramáticas de alta tensão e credibilidade.

A primeira cena tem como fundo a sede de um sindicato da IWW onde as conversas se desenrolam no nível público (planos de greve) e no nível individual (Olga que ama Tom mas rejeita a idéia do casamento e da maternidade). Tom, bastante parecido com O'Neill, acabou de perder o emprego por ter feito propaganda "subversiva" no lugar de trabalho. O segundo ato situa-se na casa de Thomas Perkins, mecânico de navios, viúvo e pai de Tom. A empregada de Perkins informa das más freqüências políticas e sentimentais do filho. Na discussão que sobrevém entre pai e filho, este admite viver maritalmente com Olga, porém sem estar casados. Perkins desaprova. Eles discordam também sobre o uso da força nas reivindicações sociais e políticas. A posição do pai é que Tom deveria não só abandonar Olga com a qual ele vive no pecado, mas também pedir desculpas aos donos



da companhia por estar assistindo a reuniões anarco-sindicalistas.

O terceiro ato acontece em Liverpool, em parte a bordo do navio S. Francisco — onde se encontram Thomas Perkins de serviço nas máquinas, o filho (escondido sob o nome de Tom Donovan), que se encarregaria de dinamitar os motores do navio se a reunião sindical que está tendo lugar não decretar a greve), e Olga, fantasiada de homem, como se fizesse parte da tripulação. Os sindicalistas burocráticos, corrompidos pelos patrões, se declaram contra a greve e os anarquistas resolvem então passar à sabotagem. O companheiro que devia fornecer a dinamite, porém, foi preso e os grevistas terão que encontrar outra solução para impedir o navio de zarpar. Tom decide imobilizar os motores mas, para isto, tem que enfrentar o próprio pai. Nesse encontro terrível, cada um procura proteger o outro, mas, ao mesmo tempo, desempenhar tarefas contrárias. O pai, sem querer, atira contra o filho.

O ato seguinte se passa num hospital. O pai, bem como a namorada, querem tomar conta de Tom, reduzido a uma existência vegetativa. Ele não pode se expressar, parece não reconhecer ninguém, e só repete frases como um papagaio. Olga e Perkins, depois de brigarem, chegam a um compromisso: ambos se amam e tomarão conta de Tom e da criança que Olga traz na barriga.

A peça conclui com Tom, que mentalmente voltou à infância, repetindo o slogan: “Viva a Revolução!”

A moral resumida por Olga (Emma Goldman) é a seguinte: “...lutamos e caímos frente ao poder da Sociedade, mas a revolução continua sobre nossos cadáveres. Vai adiante mesmo se talvez não o vejamos. Nós somos a ponte. O nosso sacrifício não é inútil. É-nos suficiente

saber que estamos fazendo a nossa pequena parte e que as nossas pequenas vidas e pequenas mortes, apesar de tudo, valem algo”.

A segunda peça que examinarei é de 1922 e intitula-se *The Hairy Ape*.<sup>11</sup> Está ambientada, novamente, em meios anarco-sindicalistas mas, desta vez, em tons de comédia. Os dois protagonistas principais são membros da classe proletária que se queixam de sua condição social. Fazem parte da tripulação de um navio e falam a gíria dos marinheiros. Apesar da falta de cultura que revelam no decorrer dos acontecimentos, não lhes falta o sentido da dignidade humana. Além de serem explorados pelos donos do navio e apesar de sujos devido ao trabalho que exercem na barriga do navio, ao redor das máquinas e no meio do carvão, eles gostariam de ser considerados seres humanos e não animais, “macacos peludos” (nome da peça mas também insulto de visitantes ocasionais, como a filha do patrão). Feridos em sua honra, Yank, o mais primitivo, o mais violento mas, talvez, também, o mais sensível deles, reclama vingança. Isto poderia se efetivar numa visita aos bairros elegantes e numa provocação na saída da missa do domingo, contra a mesma Mildred Douglas, filha do armador, que tão severa se mostrou com ele durante a visita ao navio. No bairro nobre da cidade, cheio de lojas de luxo onde se vendem jóias e casacos de pele cujo preço é assombroso, Long e Yank observam que uma família de trabalhadores ou de gente pobre e desempregada poderia viver um ano com o que os ricos gastam comprando um desses objetos. A irritação de Yank cresce e o leva à inevitável agressão de classe. Acaba sendo preso, pois seu lugar não é na frente das casas dos poderosos mas num calabouço. Durante sua prisão alguém lhe lê um artigo de jornal sobre os Wobblies, os assim chamados membros do sindicato Industrial Workers of the

World. O recorte reproduz o discurso de um senador anti-revolucionário que denuncia o anarco-sindicalismo como a maior chaga da nação. O Yank se sente atraído por esse movimento e decide aderir a ele. Na próxima folga ele visita a sede dos portuários da IWW. Bate na porta e os companheiros estranham este comportamento, pois a particularidade deles é de deixar a porta sempre aberta: é só empurrar e entrar. Pede admissão que é aceita logo sem nenhuma formalidade e pagando só um centavo. O secretário sugere que ele leve um pacote de folhetos revolucionários, mas o adverte a ser prudente, pois essa propaganda é considerada ilegal pelas autoridades. Mas não é propaganda que ele quer fazer, senão ação direta, que ele associa a violência contra a propriedade. Os Wobblies começam a desconfiar desse desconhecido que aparece de repente e propõe dinamitar os estaleiros ou os navios de Mr. Douglas. Isso cheira a provocação. Assim o imobilizam e o põem para fora.

Rejeitado por todos ele acaba se refugiando no jardim zoológico onde, depois de ter um diálogo incomunicável com um gorila, acaba entrando na sua gaiola, deixando livre o animal perplexo. Agora, sim, ele pode ser considerado um verdadeiro “macaco peludo”.

A linguagem é dura, a alegoria é pesada, mas a moral da comédia é em favor de uma visão individualista.

A mais importante das peças porém, é *The Iceman Cometh*<sup>12</sup>, que ele começa a escrever em 8 de junho de 1939 e finaliza em 26 de novembro do mesmo ano. Relê o texto, faz algumas mudanças e assina a versão final, em 3 de janeiro de 1940. O assunto da peça é a validade ou não das teorias anarquistas. Para ilustrar o assunto ele se pauta em documentos e pede ao amigo de juventude, Saxe Commins<sup>13</sup>, que trabalha na editora Random House, para lhe mandar a velha literatura anarquista. Recebe, assim, cópia de velhos periódicos dirigidos por

Hippolyte Havel (anarquista tcheco escolhido como personagem da peça com o nome de Hugo Kalmar) e obras de Bakunin e de Kropotkin. Outra personagem anarquista é Larry Slade, inspirado em Terry Carlin (Terence O'Carolan), outro amigo de juventude que o autor ajudou até o fim da vida. O terceiro, mas não último anarquista, seria Don Parritt, que se apresenta como tal. Na realidade é um traidor que veio da Califórnia para Nova Iorque, sob o pretexto de estar envolvido num atentado, mas que trabalha para a polícia, procurando provas para ajudar a prender os culpados do atentado contra o *Los Angeles Times*, fato que, historicamente, aconteceu.

O enredo leva Don ao encontro de Larry, por ter sido o único, quando era criança, que sempre o tratou com carinho e o escutou como se fosse um adulto. Larry, para Don, é uma figura paterna e, talvez, seu verdadeiro pai (foi amante de sua mãe). Mas Don é torturado, mente e acaba admitindo que traiu, para salvar a mãe, diz ele no começo. A mãe, Rosa (inspirada em Gertie Vose e em Emma Goldman) está presa. O filho acaba confessando que a denunciou por ciúme, pois ela o traía com as próprias idéias que colocava acima de seus deveres de mãe. No fim, revela a Larry ter traído por dinheiro. Angustiado ele medita sobre o suicídio, ao qual Larry, sem compaixão, o empurra.

Devemos lembrar que na vida real, na época em que O'Neill freqüentava a boemia do Greenwich Village, ele tentara o suicídio num local muito parecido com o Hell Hole.<sup>14</sup> Na peça, as discussões sobre anarquismo são estêreis e negativas, mas deve-se considerar que os tempos em que este drama foi concebido assiste a uma dupla derrota: a do sonho anarquista na Espanha de 1939 e o início da Segunda Guerra Mundial. Contudo o anarquismo não é o único assunto da peça. Em primeiro lugar, numa polêmica com o comunista Mike Gold (que

lhe foi apresentado por Dorothy Day), que queria que ele escrevesse obras mais engajadas, O'Neill declarou: "quando um autor escreve propaganda ele cessa de ser artista e torna-se um político". Além disso, O'Neill sempre insistiu sobre os diversos níveis de escritura. Há quem considere que o elemento religioso, representado por Hickey, é fundamental na peça. De fato, existe um breve estudo de Robert C. Lee que toma em consideração os dois aspectos: "Evangelism and Anarchism in *The Iceman Cometh*".<sup>15</sup>

O'Neill foi criado católico e apesar de ter renunciado à fé (deixou no testamento que não queria padres no enterro), escreveu muitas peças sobre personagens e assuntos religiosos. Há outra interpretação do *The Iceman Cometh* como se fosse uma "Última Ceia" tendo doze personagens na mesa incluindo um Judas. Discordo desta interpretação, pois os personagens, se incluirmos as três prostitutas e os dois policiais superam o número de doze, mas, sobretudo, por outra razão: a presença de duas personagens excepcionais e positivas, que não fazem justamente parte do elenco da distribuição e que ninguém — que eu saiba — percebeu como sendo centrais no enredo. Uma seria Evelyn, mártir de tipo cristão, a mulher que Hickey mata, por ser tão boa, tão compreensiva, tão paciente, tão generosa, tão amorosa, que entende tudo e aceita tudo, e que o marido sente a necessidade de matar, para preservá-la, não decepcioná-la, não machucá-la moralmente. Outra é uma mártir laica, Rosa Parritt a mãe traída de Don. Ela encontra-se presa ao idealismo, paga pelos erros dos outros, mantém viva a chama do ideal. É uma figura empolgante, a ser reverenciada e imitada.

O verdadeiro anarquismo, em suma, não está nos três bêbados, um parasita, um preguiçoso e um traidor, mas nessa bela figura de mulher. O *Iceman Cometh* soa

pessimista só depois de uma leitura superficial. Pense nos “pipe dreams”, isto é, nos “castelos no ar” (as utopias, os sonhos irrealizáveis) aos quais se alude amiúde. O próprio autor, numa entrevista declarou: “Bem, o que eu posso dizer é que se trata de uma peça sobre castelos no ar. A filosofia subjacente é que sempre resta ainda um sonho, um sonho final, qualquer seja o nível baixo ao qual se cai, o fim da garrafa, e eu sei, pois eu mesmo vi...”. O'Neill estava satisfeito com esta peça e disse: “é uma das melhores coisas que jamais fiz. De alguma maneira talvez a melhor”.

Outros devem ter concordado com ele pois existem duas versões cinematográficas, uma de Sydney Lumet e outra de John Frankenheimer. Aliás temos duas provas contundentes de que o pessimismo aparente de O'Neill não marcou o fim do seu anarquismo. A primeira é a entrevista já mencionada, que terá lugar anos depois de ter escrito a peça, e poucos anos antes de sua morte, em que reitera suas convicções anarquistas. A segunda está no fato que logo depois de ter concluído *The Iceman Cometh*, ele dá início a outra obra de tema anarquista, e desta vez uma comédia, mostrando que não abandonou as convicções ideológicas da juventude e não aderiu ao pessimismo dos personagens da peça anterior.

A última obra que mencionarei nunca foi concluída, mudou de título, mas é a que revela o profundo conhecimento que O'Neill tinha do anarquismo internacional, de seus pensadores, bem como de seus militantes. É dedicada a Errico Malatesta, agitador anarquista italiano mundialmente conhecido. Teria sido uma comédia mas com um fundo ético e político. Não só cronológica, mas também filosoficamente, é uma continuação do *Iceman Cometh*. Não foi nunca encenada nem terminada, mas o trabalho de pesquisa, as anotações do autor e as

cenar já compostas foram publicados postumamente. Ele dedicou mais de um ano a esta comédia e revisou constantemente o texto. O título inicial era *The Visit of Malatesta*<sup>16</sup>, mas passou a ser *Malatesta seeks Surcease*. O nome escolhido para o personagem principal era “Cesare”, depois mudado para “Enrico”, se bem que na Itália, onde ele nasceu, a forma preferida é a de “Errico”. A colocação temporal inicial era 1912, mas a data foi adiada para 1923, para poder justificar a fuga de Malatesta da ditadura fascista, iniciada em 1922. Malatesta, na realidade, não pôde visitar seus amigos americanos até a morte (em 1935) por se encontrar sob vigilância policial especial em Roma, por ordem expressa de Mussolini. Entretanto, Malatesta esteve nos Estados Unidos, em 1899. Há quem diga que O’Neill poderia tê-lo escutado naquela época, mas não há provas disso ter acontecido. Aliás O’Neill teria, na época, 11 anos.

A função de Malatesta e da peça é de representar a ESPERANÇA que talvez tivesse sido sacudida pelo pessimismo aparente de *Iceman Cometh*. Outro intuito era o de lutar contra o alcoolismo que freia as energias revolucionárias dos militantes, mas que também alimenta a cobiça daqueles companheiros ítalo-americanos da comédia, que negligenciam o ideal para ganhar dinheiro imitando os capitalistas. O alcoolismo é um problema que afligiu não só o movimento, mas o próprio O’Neill, vítima desse fenômeno, como o foram o irmão maior e o pai, bem como muitos dos boêmios, anarquistas ou não, que ele conheceu na vida. Aliás não há peça dele na qual não apareça algum bêbado.

Na *Visita de Malatesta*, a mulher de Daniello chama-se Rosa, como já se chamava Rosa a mãe presa do Don Parritt, na peça anterior. Pouco importa saber se o nome “Rosa” se refere a Emma Goldman ou não. Um dito da época nos ambientes anarco-sindicalistas é uma das

Anarquismo na vida e na obra de Eugene O'Neill

reivindicações que vai além das melhorias econômicas: “Queremos pão, mas rosas também”. A “Rosa” torna-se metáfora do amor, da solidariedade, do engajamento, da chama da revolução. No rascunho se prevê que Mala-testa acabará casando com uma das filhas de Daniello, Francina, que se gaba por ter se tornado “a rosa da paixão pela revolução”.

Não me atrevo a atribuir a O'Neill uma conclusão da peça, mas tudo leva a crer que seria uma confirmação do “sonho anarquista”.

Por razões de saúde O'Neill abandona este projeto e vários outros previstos em suas anotações pessoais. Uma tremedeira constante, mal diagnosticada pelos médicos e nunca curada o acompanhará até o fim. Nos últimos dez anos ele viverá uma existência solitária, separando-se temporariamente até da própria mulher (a terceira, a que mais amou) nunca renegando, porém, seus ideais anarquistas.

## Notas

<sup>1</sup> Cheguei a esta conclusão depois de consultar a bibliografia de “First Search” que contém informação sobre todos os livros existentes nas bibliotecas e também as teses de doutoramento.

<sup>2</sup> Arthur and Barbara Gelb, ed. *O'Neill*. New York, Harper and Row, 1974, 990 pp.

<sup>3</sup> Louis Sheaffer: *O'Neill. Son and Artist*. Boston e Toronto, Little-Brown & Co., 1973, 750 p., e *O'Neill. Son and Playright*. Boston e Toronto, Little-Brown & Co., 1968, 543 p.

<sup>4</sup> Gelb, 1974, op. cit., p. 286.

<sup>5</sup> Carta reproduzida no livro *Select letters of Eugene O'Neill*, ed. by Travis Bogart and Jackson R. Bryer, New Have & London, Yale University Press, p. 233.

<sup>6</sup> Idem, p. 387.

<sup>7</sup> Interview ao *Sunday Times*, de 1946.



<sup>8</sup> Paul Avrich. *Anarchist Voices (An Oral History of Anarchism in America)*. Princeton, University Press, 1995, e posteriormente em *The Modern School Movement (Anarchism and Education in the United States)*, Princeton, University Press, 1980.

<sup>9</sup> Ver Eugene O'Neill, *Complete Plays.*, ed. by Travis Bogard, New York, The Library of America, Vol.I: 1913-1920, 1104 p. Trata-se de uma peça em quatro atos, pp. 309-387.

<sup>10</sup> E. G. and E. G. O., *Emma Goldman and the Iceman Cometh*, Gainesville, The University Press of Florida, 1974.

<sup>11</sup> de Eugene O'Neill, *Early Plays*, edited with an introduction by Jeffrey H. Richards. New York, Penguin Books, 2001, pp. 355-395.

<sup>12</sup> *The Iceman Cometh*. New York, Vintage Books, 1957, 4 acts.

<sup>13</sup> Isidore Cominsky, talvez o mais íntimo de seus amigos. A correspondência entre eles foi tão copiosa que foi publicada em livro. Ver: *Love and Admiration and Respect. The O'Neill-Commins Correspondence*. Dorothy Commins (ed) Durham. Duke University Press, 1986, 248 pp.

<sup>14</sup> O Hell Hole da peça é uma combinação de três locais realmente existentes no Greenwich Village, que O'Neill e outros boêmios freqüentavam durante os dois primeiros decênios do século XX.

<sup>15</sup> Ver Eugene O'Neill, *The Iceman Cometh*, Harold Bloom (ed). New York, Chelsea House, 1987, pp 35-48.

<sup>16</sup> "Notes for The Visit of Malatesta" In *Eugene O'Neill. The Unfinished Plays*, edited and annotated by Virginia Floyd. New York, Continuum, 1988, XXVIII, 213pp.); a autora também escreveu o precioso ensaio *Eugene O'Neill at Work: Newly Released Ideas for Plays*. New York, Ungar, 1981, XXXIX,407pp.

*RESUMO*

*O anarquismo na obra do escritor norte-americano Eugene O'Neill, estudado em três peças concluídas e uma inacabada sobre Errico Malatesta, anarquista italiano.*

*Palavras-chave: Anarquismo, teatro norte-americano, biografia.*

*ABSTRACT*

*The anarchism in the work of the American writer Eugene O'Neill studied in three dramas and one unfinished drama about Errico Malatesta, Italian anarchist.*

*Keywords: anarchism, American theater, biography.*

*Recebido para publicação em 31 de março de 2005.*